

6. Observações Finais

“Sou, em primeiro lugar, escritora ou historiadora? As duas funções não precisam estar, e de fato não devem estar, em guerra. A meta é a fusão. Em longo prazo, o melhor escritor é o melhor historiador.”
(Barbara Tuchman)

Os experimentos de historiografia literária *A New History of French Literature*, *A New History of German Literature* e *A New Literary History of America* pretendem, através de uma escrita pautada no “labirinto enciclopédico”, construir conhecimentos acerca do passado literário por um viés da afetividade e da fascinação. O leitor, que pode ser tanto o especializado quanto aquele que apenas se interessa pelo tema, depara-se com uma “constelação” de ensaios que o faz questionar autores canônicos, sua própria concepção de literatura, de História e de historicidade literária. A configuração escritural escolhida para atingir seus objetivos foi o foco dessa dissertação, refletindo sobre a junção entre forma e função na construção do conhecimento através das contribuições da Arquitetura. E é essa uma das inovações desses experimentos: promover uma escrita de história literária condizente com os questionamentos da área, seja sobre os pressupostos sobre História, sistema literário e historiografia literária, seja sobre a eficácia da narrativa como construtora de conhecimento.

Quando eu me propus a pesquisar sobre o tema, principalmente por ter como foco a configuração escritural dessas coletâneas, analisando-as de forma interdependente com as funções e pressupostos a que se colocaram, também me indaguei sobre a escrita desse meu trabalho. Contudo, a proposição de Barbara Tuchman, sobre a união entre historiador e escritor ocorrer apenas a longo prazo, é verídica. A inserção das discussões teóricas na prática de escrita dos historiadores (literários) não acontecerá facilmente, pois implica em refletir sobre a escrita em uma área que ainda vê com desconfiança as proposições aqui chamadas de desconstrucionistas e sua atenção ao uso da linguagem. Mas, a fim de propiciar alguns momentos de encontros fascinantes nessa dissertação, escolhi apresentar sempre epígrafes com autores que considero significantes. Através dessas citações, espero ter propiciado momentos de encantamento diante de uma teorização densa.

Analisar a minha escrita e a desses experimentos fez refletir igualmente acerca dos pressupostos propiciadores de tais questionamentos. Por isso, os três primeiros capítulos centram-se em apontar alguns dos debates que possibilitaram a emergência de historiografias literárias alternativas ao modelo tradicional. Nesse sentido, o critério

estabelecido para se entender a inovação desses experimentos, em primeiro lugar, foi entender qual a tradição de escrita historiográfica literária a qual eles reagem. A partir disso, analisei sequencialmente as concepções de História Literária, de História e de Estudos Literários que norteavam a prática tradicional em contraposição ao entendimento desses campos nas coletâneas elencadas. Podemos perceber, ao longo dos capítulos, a permanência quase inalterada de crenças estabelecidas principalmente a partir dos oitocentos na historiografia literária devido, entre outros fatores, à institucionalização desse campo no meio acadêmico, à força da tradição em manter taxonomias sem discussões sobre sua pertinência, à falta de clareza nas reflexões teóricas que norteavam a sua prática de escrita. Nesse cenário, a História enquanto disciplina e o sistema literário em toda a sua complexidade – pensando sobre como os teóricos os estudam, como ocorre a experiência de leitura, como o artista estabelece relações com o circuito comunicativo – passam por inúmeras reconfigurações críticas, teóricas, metodológicas e analíticas, enquanto a prática da historiografia literária permaneceu praticamente inalterada até meados do século XX, quando emergem novas propostas teóricas e de escrita.

A análise empreendida nessa dissertação sobre as modificações existentes nos três campos acima citados partiu das questões levantadas pelas viradas linguística e histórica ocorridas a partir da década de 1960. Obviamente, outros fatos poderiam ter sido escolhidos, mas a importância dessas viradas, e por isso optei por elas, está na atenção à configuração escritural, vista como igualmente relevante para a construção do conhecimento histórico (literário). A partir da constatação da descontinuidade entre signo linguístico e realidade empírica, ressaltou-se que a construção do conhecimento está ligada também à escrita. Da mesma forma, na História, houve um deslocamento de questões sobre a sua cientificidade para a ênfase na existência de diversas interpretações possíveis para o mesmo fenômeno a partir da virada histórica, importando estabelecer critérios que garantam a sua plausibilidade.

Nesse âmbito, a História Literária entra em crise, pois no cenário contemporâneo as suas funções essenciais se mostraram desgastadas. Assim, tanto a busca por consolidar uma “identidade nacional”, quanto estabelecer características formais definidoras dos fenômenos literários pareciam inadequados. Por isso, Heidrun Olinto ressaltava um retorno à historiografia literária com base em uma teorização densa (OLINTO, 1996), com novas propostas para conduzir essa disciplina, assim como

questionar seus pressupostos fundamentais. Uma contribuição importante foi feita por Robert Jauss, cujas propostas inovadoras deram um diferente acento à historicidade da literatura. Em vez de focar na evolução das formas literárias, o autor sugere a importância de pensar na recepção dos textos literários. Assim, a História Literária expandiria a sua atuação para além do contexto de produção e pensaria no leitor como fator decisivo para entendê-la.

Apesar de todas as críticas feitas à História da Literatura, é perceptível a importância que ela tem no espaço acadêmico, principalmente ao notarmos as inúmeras sugestões de estudo na disciplina como, por exemplo, a história das instituições literárias, a história dos temas e conceitos literários, a história biográfica de um autor, a história ligada à recepção ou ao contexto de produção. Percebe-se que as críticas feitas aos seus pressupostos encorajaram respostas inovadoras para que o campo continuasse a ser significativo após as mudanças no cenário crítico, teórico, metodológico e analítico. Apareceram inúmeras possibilidades de se historicizar o fenômeno literário, complexificando essa disciplina.

Outro debate importante se refere às formas de escrita feita na História Literária, sintetizadas na dicotomia entre modelo narrativo e enciclopédico. David Perkins (1992) analisa-as tendo por base como elas constroem conhecimento histórico literário. A escrita narrativa é a mais tradicional quando se fala em História Literária, principalmente ao se levar em consideração a ligação desse campo com os pressupostos historicista, com enumeração sequencial dos fatos considerados mais importantes para se construir uma imagem homogênea do passado literário de cada contexto cultural. A escrita “enciclopédica pós-moderna” surge em meio às discussões em torno da capacidade cognitiva da narrativa, uma vez que ela apresenta uma representação incompleta e limitada das realidades passadas (PERKINS, 1992). A enciclopédia, nesse sentido, daria uma visão mais heterogênea do passado literário, possibilitando a inserção de uma gama maior de perspectivas. Além disso, essa configuração se alia a uma nova concepção mais complexa de passado, tempo, sistema literário e historicidade da literatura.

Da mesma forma, há reflexões sobre os modelos de escrita na História em geral, discutindo inclusive a capacidade cognitiva de cada configuração. Nesse sentido, há a escrita narrativa, entendida como enumeração de fatos e considerada a primordial. A sua relação com o conhecimento não era questionada, pois se acreditava que a própria

ordenação dos fatos propiciaria o entendimento das realidades passadas. Ao historiador cabia apenas a organização objetiva dos dados em ordem cronológica. Contudo, essa visão foi suplantada por uma escrita de cunho estrutural. A escrita narrativa passa então a ser vista como ineficaz para construir um conhecimento significativo uma vez que não propõe análises. Com a renovação no campo da História, o seu conhecimento passou a ser visto como decorrente de proposições hipotético-dedutivas, provadas através da análise de fontes primárias. Nessa mesma esteira, a relação entre narrativa e cognição passa a ser questionada, criando um descompasso entre a desconfiança na sua capacidade epistemológica entre teóricos da História e o seu uso irrefletido nas historiografias literárias. Em outras palavras, aponta-se para uma ressignificação da escrita de História, em que o modelo narrativo tradicional é vista como inadequado para atingir o status de cientificidade da disciplina, optando-se pela escrita estrutural, enquanto na História Literária esse debate passou praticamente despercebido.

O abandono da narrativa relaciona-se com a necessidade da História se impor como disciplina científica, embasada em dados, estatísticas e hipóteses de trabalho. Tal separação entre narração e cognição foi o que, como aponta Holdheim (1984), resultou na crise da disciplina. Na verdade, segundo autores como Chartier, referindo-se à História em geral e Ceserani, referindo-se especificamente à História Literária, a narrativa não pode ser tão facilmente expulsa da disciplina. Ambos consideram que a narrativa foi camuflada na escrita estrutural, mas ela é intrínseca às disciplinas. Assim, emerge, como aponta Olinto (2012), a necessidade de se pensar o que se entende por “narrativa” a fim de evitar contradições desnecessárias. Nesse sentido, tanto Ceserani quanto Holdheim a consideram como representação mimética da experiência de vida. Em outras palavras, os autores ampliam a noção de narratividade para além da enumeração de fatos em ordem cronológica, tal como proposta no historicismo.

Nessa esteira, também foram analisados autores que focam especificamente na relação entre História e linguagem. Por exemplo, a teórica Verónica Tozzi, que traz à tona, além da importante análise acerca dessa relação, a relevância de se pensar nas consequências políticas de nossas escolhas teóricas. Ela aponta uma situação aparentemente paradoxal entre os questionamentos relativos à capacidade cognitiva da História e a necessidade de grupos minoritários se verem representados na disciplina. Nesse sentido, ela sugere como solução para esse impasse o estabelecimento de critérios pragmáticos sobre a funcionalidade da História no contexto atual.

Esses questionamentos geraram também uma ampla discussão sobre a relação entre História e Literatura, procurando-se estabelecer as diferenças entre as duas áreas. Holdheim ressalta que a alternância de atitude do leitor diante dos dois textos, Hutcheon aponta o uso de paratextos (como notas de rodapé) na escrita de História, embora esses elementos apareçam de forma paródica em alguns romances pós-modernos. Outra diferença importante foi elaborada por Pesavento, que percebe a possibilidade de se usar a literatura como fonte histórica como um aspecto específico desse discurso, já que historiografias não poderiam ser usadas com esse mesmo fim. Nesse sentido, as críticas feitas por autores como Hayden White, que não vê quais são os critérios de escolhas de uma forma de escrita para outra, são infundadas, principalmente ao se perceber que a escolha de determinada configuração escritural se atrela ao modo com que o historiador concebe o conhecimento em sua disciplina. A escrita é apenas uma das diversas circunstâncias necessárias na operação historiográfica.

Os Estudos Literários também passaram por questionamentos relevantes para se entender a necessidade de mudanças na História Literária. Primeiramente, as duas formas tradicionais de se lidar com a literatura se mostraram desgastadas no cenário contemporâneo. Assim, tanto a busca pela identidade nacional quanto a inserção dos trabalhos literários em estilos de época não são mais vistos como necessários. O sistema literário passa a ser analisado a partir de perspectivas altamente complexas, que envolvem nuances que ficavam apagadas ao se focar apenas no contexto de produção, como a questão da recepção, por exemplo. Ressalta-se o embate entre encarar o evento literário enquanto monumento, tendo valor em si, ou como documento, servindo de base para se entender seu lugar de produção, implicando em diferentes percepções sobre a possibilidade de se estudar a historicidade do sistema literário.

A visão da crítica e teoria literárias sobre esse sistema é fundamental para se entender o que é relevante de ser estudado em uma historiografia literária. E, ao longo da dissertação, também vimos a existência de uma crise nessas áreas decorrentes de dois fatores. O primeiro, como aponta Leslie Fiedler, foi uma reconfiguração na escrita de romances de ficção, que já não se adequam às categorias criadas pela crítica existente. Nesse sentido, ele afirma que embora o crítico acredite que está julgando a literatura, é a literatura que o está julgando (FIEDLER, 1989). O segundo está na necessidade de renovação devido à influência dos Estudos Culturais e de estudos interdisciplinares.

Fica latente a urgência por novas teorias que lidem com a complexidade do sistema literário e de seu estudo.

Essa complexidade é igualmente perceptível no que concerne à seleção e classificação dos fenômenos literários a serem analisados. Como afirma Perkins, esse aspecto foi negligenciado entre os historiadores literários, mas é de cabal importância na constituição das imagens que temos sobre o passado literário. Como o autor aponta, a classificação geralmente ocorre através de fatores como a tradição, interesses ideológicos, requisitos estéticos, afinidades e antipatias entre autores, similaridades observadas pelo historiador, necessidades da carreira e inserção institucional do pesquisador. O fator tradição é um dos mais perceptíveis, em que são repetidas taxonomias sem a devida reflexão. Nesse sentido, é interessante a análise feita por Edfeldt sobre o silenciamento da autoria feminina no cânone literário português, distorcendo a nossa imagem sobre a capacidade desse grupo de criar obras dignas de figurarem nas historiografias literárias. E, com a expansão da ideia de literário, podendo abarcar inclusive outros fenômenos artísticos, torna-se necessário pensar nos critérios para a seleção do *corpus* das historiografias.

Nesse cenário, os experimentos promovem uma nova forma de escrita. Em vez do modelo narrativo tradicional, privilegiou-se a reunião de ensaios escritos por vieses heterogêneos e por distintos autores, organizados em ordem cronológica. Essa nova configuração prima pela fragmentação e procura se adequar aos questionamentos do cenário teórico contemporâneo, que privilegiam a heterogeneidade em vez da construção de ordenações artificiais como ocorria na historiografia literária narrativa. A busca pela manutenção da fragmentação fez Perkins concluir que essas historiografias literárias, na verdade, não são História, mas apenas uma coletânea de informações justamente por não organizarem o conhecimento das realidades passadas. Assim, a inserção do termo “pós-moderno” feita pelo teórico advém de sua correta percepção do uso do modelo enciclopédico como alternativa aos questionamentos contemporâneos, sabendo que a sua utilização para se construir conhecimentos não é fenômeno recente. Pode-se citar um de seus casos mais famosos, a *Encyclopédie*, ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, do século XVIII, composta por 33 volumes, 71 818 artigos e 2 885 ilustrações. Esse imenso material era visto como instrumento capaz de reunir todo o conhecimento humano, acabando com crenças e superstições. Contudo, as coletâneas analisadas se propõem a uma nova função. Não se trata apenas de reunir

informações consideradas relevantes (explicar), mas uma nova proposta epistemológica que abarca a afetividade e o encantamento. Dessa forma, no quarto capítulo procurei desconstruir as críticas feitas por David Perkins a esse modelo através da Teoria da Arquitetura, principalmente através da teorização sobre a arquitetura pós-moderna. Acredito que o termo cunhado pelo teórico só se restringe a falar dos questionamentos que impulsionaram essa nova configuração, sem atentar para a inovação em termos de epistemologia que esses volumes sugerem.

Assim, ao focar a construção escritural das coletâneas a fim de se adequarem às discussões teóricas apontadas, entendendo a interdependência entre forma e função. Essa relação é considerada como a geradora de vários debates atuais sobre a História (literária) e a possibilidade de se gerar conhecimento tendo como instrumento a linguagem escrita. Nesse sentido, como essa visão é relativamente recente na área, acreditei ser relevante fazer uma relação com a Arquitetura, pois esse campo, desde sua fundação já pressupõe uma junção entre forma e função. Pretendi reforçar, através da análise de outra ciência, a Arquitetura, a necessidade de rever as formas de escrita a fim de se construir conhecimentos de maneira adequada com as discussões em pauta, ressaltada na tríade vitruviana (comodidade, prazer e firmeza). A partir das análises, principalmente dos arquitetos Robert Venturi e Peter Eisman, foi possível entender as discussões teóricas que atingem o campo da historiografia literária, mas a partir de um novo paradigma e com outras soluções. Robert Venturi, na ânsia de combater o “less is more” da arquitetura moderna, propõe ver a sua área como necessariamente complexa pela inclusão dos elementos vitruvianos. Além disso, a complexidade existente nas relações contemporâneas exige projetos que não se pautem em princípios simplistas e meramente funcionalistas. Para o teórico, uma arquitetura da contradição e da complexidade se pauta na “difícil unidade de inclusão, em vez da fácil unidade de exclusão” (VENTURI, 2004, p. 3). A historiografia literária proposta nas coletâneas analisadas seguem a mesma vertente de incorporar a complexidade e a contradição na construção do conhecimento, propiciando diversas funcionalidades para seus textos e não só a busca por informações especializadas. Assim, diante das novas necessidades dos leitores e especialistas nessa área, as discussões sobre a sua validade se unem à necessidade de formas alternativas e possibilitadoras de um uso efetivo.

Mas a contribuição fundamental de Robert Venturi em pensar a arquitetura da contradição e da complexidade é primar pela ambiguidade em vez da articulação. Esse é

um pressuposto primordial para se entender a estruturação dos experimentos. Trata-se de uma escrita da adição, do “both... and”, em que cada contribuinte teve liberdade para escrever seus ensaios tendo por base suas próprias convicções. O texto literário é visto pelo viés da recepção, do contexto de produção, da relação com outros textos, e não apenas a partir de pensamento único. Além disso, houve a expansão dos fenômenos possíveis de serem analisados em uma historiografia literária. Ressalta-se como a necessidade de complexificação é uma urgência do mundo contemporâneo, em que os leitores estão cada vez mais acostumados a uma miríade de informações com as quais eles devem lidar e construir as suas próprias conexões. Além disso, a construção de conhecimento é vista de forma interdependente com a afetividade, possibilitando um sopro de gaia ciência na historiografia literária.

Essa discussão entre escrita enciclopédica e escrita narrativa tem como foco uma dicotomia entre homogeneização e heterogeneização, com duas formas aparentemente contraditórias de se construir o conhecimento pensando na estruturação do texto. Nesse sentido, continuando com a metáfora arquitetônica, as coletâneas estudadas conseguem construir uma determinada visão do passado literário, mas por meio de uma elaboração “labiríntica”. É através das errâncias do leitor que uma determinada visão será elaborada. Requisita-se uma atitude responsiva do leitor desses volumes, possível através de estruturação que permita aos livros não serem apenas usados como fonte de informação, mas como leitura prazerosa e fascinante.

A escrita inovadora não garante que o conhecimento seja construído de forma eficaz, uma vez que depende da atitude responsiva do leitor. Ressalto, contudo, como esses experimentos são experiências interessantes em um contexto que parecia destinado ao esquecimento. O importante é errar por entre esses labirintos e procurar refletir sobre a arte de escrever histórias literárias.